

## MICHAEL HAMBURGER E A VERDADE DA POESIA DESDE BAUDELAIRE

Wilson José FLORES JR.<sup>83</sup>

HAMBURGER, M. **A verdade da poesia**: tensões na poesia modernista desde Baudelaire. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 464 p.

*A verdade da poesia* é frequentemente apontada como uma das grandes realizações do ensaísmo crítico da segunda metade do século XX, sobretudo na Inglaterra. De qualquer forma, mesmo lá e já antes da morte de Hamburger em 2007, o livro perdeu muito de sua presença nas discussões, deixando de frequentar a reflexão teórica acadêmica e passando a figurar entre aquelas obras respeitáveis, mas, de alguma forma, distantes ou *démodées*.

Por aqui, *A verdade da poesia* nunca chegou a gozar de grande prestígio, ao contrário de *A estrutura da lírica moderna*, de Hugo Friedrich, cuja perspectiva estruturalista Hamburger critica, discutindo limites (e até o que considera equívocos ou reduções) das análises de Friedrich. Mas, ao que tudo indica, a diferença na recepção entre ambos no Brasil se deve a nossa renitente francofilia. Como sabemos, Friedrich foi e continua sendo muito lido na França.

A afirmação que sintetiza a perspectiva adotada no livro por Hamburger, “Que a poesia encarna ou representa a verdade de um tipo ou de outro dificilmente o negaram os próprios poetas” (2007, p.35), não apenas é uma provocação. Mas é fato que, somada ao próprio título do livro, pode induzir um leitor interessado e familiarizado com a crítica literária, mas que eventualmente desconheça Hamburger, a um equívoco bastante compreensível: “verdade” como título de um conjunto de ensaios sobre a poesia moderna soa inesperado, senão incongruente e ostensivamente anacrônico. Isso porque, como se sabe, “verdade” parece só se aplicar a contextos históricos em que haja alguns fatores bem delimitados, que estabeleçam princípios estéticos claros e compartilhados

---

<sup>83</sup> Doutorando (bolsista CNPq) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, CEP 21941-917, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – [wfloresjr@ufrj.br](mailto:wfloresjr@ufrj.br)

por autores e leitores. Por qualquer lado que se olhe a *Modernité*, qualquer concepção estável de verdade parece ser obra do engodo ou da tolice.

O incômodo ainda pode ser intensificado pela presença luminosa do artigo definido que inicia o título. Ou seja, não apenas a “poesia moderna desde Baudelaire” teria uma verdade, como também permitiria a exploração de algo que a transcende: “a verdade da poesia”, por assim dizer, desde sempre, genérica, universal, atemporal. Tais temores não são imotivados nem revelariam preciosismos ou má vontade da parte do leitor, pois o estabelecimento da relação histórica (poesia desde Baudelaire), além de ser, em si mesmo, demasiado vasto e compreender um número e uma diversidade quase ilimitada de poetas, ainda poderia ser lido como contraste à aparente atemporalidade do título.

No entanto, basta iniciar a leitura para perceber que a reflexão do autor tem um foco claramente definido e que o campo de debate em que o livro se insere dá concretude específica à aparente generalidade do título. A perspectiva do autor, de rara erudição e altamente cuidadosa (sem deixar de ser pontual e polêmica) mostra-se muito generosa em seu inabalável respeito pelo leitor que é colocado no lugar de um observador crítico a quem o autor não tenta seduzir ou capturar. O leitor é, aí, convidado a refletir com o autor sobre os assuntos que este se coloca e é nessa condição de “companheiro” de viagem, de estudo, de interesses em comum que a interlocução se constrói. Há no livro algo da espontaneidade de quem se satisfaz quando alguém aceita um convite feito com simplicidade e despojamento.

Os ensaios colocam o leitor diante de uma espécie de síntese de questões que conduziram a trajetória intelectual, acadêmica e literária do autor. Professor, tradutor e poeta, Hamburger conjugava prestígio e discrição. Nascido em Berlim em 1924, mudou-se aos nove anos com a família para a Inglaterra em meio à tempestade que se anunciava com a ascensão do partido nazista. Tornou-se professor e dedicou-se à poesia e à tradução de poetas como Goethe, Hölderlin, Rilke e Paul Celan, atividade pela qual recebeu vários prêmios e reconhecimento internacional.

Como já ficou indicado, os ensaios que compõem *A verdade da poesia* buscam analisar as linhas de força da poesia moderna de Baudelaire ao final dos anos 1960, momento da publicação original do livro. Os poetas analisados são, principalmente, europeus (sobretudo ingleses, franceses e alemães) e americanos. Mas Hamburger não

desconhece a poesia feita em português, embora confesse não dominar a língua. Há uma instigante discussão a respeito de Fernando Pessoa (sobretudo no capítulo 6, “Personalidades múltiplas”), bem como considerações consistentes a propósito de Carlos Drummond de Andrade (em particular no capítulo 9, “Uma nova austeridade”).

O foco do debate teórico recai sobre certas alegações e perspectivas que faziam figura de consenso à época devido à influência avassaladora que o *New criticism* havia exercido nas décadas anteriores sobre a crítica literária no mundo todo e, particularmente, nos países de língua inglesa.

A pergunta central que norteia a reflexão é exposta diretamente na primeira linha do prefácio: “O que torna moderna a ‘poesia moderna’?” (2007, p.7). E, após reconhecer os inevitáveis limites do estudo, o autor anuncia sua escolha metodológica:

[...] em vez de limitar minha investigação a uma única linha de desenvolvimento definida previamente como ‘moderna’, concentrei-me nas tensões e nos conflitos visíveis na obra – ou por trás dela – de cada grande poeta de sua época, começando com a obra do próprio Baudelaire. (2007, p.8),

afirmando que o livro não é uma “história da poesia moderna, mas, sim, uma tentativa de entender sua natureza, suas suposições e funções” (2007, p.9).

O objetivo está definido e o alvo está claro. A cada ensaio o autor tratará de retomá-lo, modalizá-lo, reafirmá-lo e ampliá-lo: as estruturas linguísticas que formam o texto poético são elementos fundamentais para a análise, mas não são os únicos nem, necessariamente, os mais privilegiados, pois, embora permitam uma compreensão de certos procedimentos em jogo em cada poema particular, não chegam a confrontar a “natureza” de determinada poesia ou de determinado autor, ou ainda, de uma determinada configuração histórica. Em uma palavra, as perspectivas estruturalistas acabariam por escamotear “as verdades” da poesia as quais são, como afirma Hamburger, “a um só tempo relativas quanto às condições de sua sobrevivência e absolutas em sua necessidade de transcendê-las” (2007, p.443). Isso porque, de seu ponto de vista,

[...] em todo clima de opinião e em todas as crenças é tarefa do poeta acrescentar algo aos recursos de seu meio, a linguagem [...]. ‘A arte se ocupa do difícil e do bom’, Goethe afirmou [...]. Nenhuma mudança de estado de espírito ou de situação fará qualquer diferença quanto à verdade dessa observação empírica. (2007, p.446).

Afirmação provocativa e sintética que enfatiza mais do que o acadêmico, o poeta que o autor era. A permanência a que o título alude nada tem de transcendente. É na imanência que se constrói seja como resistência, tensão, dilema, negação, esperança; daí sua ênfase altamente dilemática: “a verdade da poesia, e da literatura moderna especialmente, deve ser encontrada não apenas em suas afirmações diretas, mas em suas dificuldades peculiares, atalhos, silêncios, hiatos, fusões” (2007, p.61).

Hamburger declara ainda que, diante da tarefa que se propôs a enfrentar no livro, sua “única esperança foi aderir ao que acreditava fossem os problemas concretos” (p.9). E isso surge não como uma “desculpa” a eventuais falhas (procedimento tão comum na crítica), afinal, declarar que aqueles são os problemas que acredita serem os “concretos” é uma tomada clara de posição num campo reconhecidamente minado, preparando o debate que o autor sabia que o livro enfrentaria.

Para usar uma imagem de sua poesia, pode-se dizer que os poetas modernos surgem na análise de Hamburger como “selvagens e feridos”<sup>84</sup> (título de seu último livro de poemas, publicado em seu 80º aniversário), figuras tornadas a um só tempo obsoletas, pela presença ubíqua da mercadoria, e essenciais, como resistência a tudo o que é ameaça à civilização e à cultura, naquilo que têm de irredutíveis ao “mercado”, mas sempre cindidas, atormentadas, fraturadas, inconvenientes. Os poetas modernos desde Baudelaire, na visão de Hamburger, parecem se aproximar da imagem com que encerra o poema “*Muted song*” (2004, p.21):

[...]  
*A nearly deaf man sings*  
*Come, that we waiters praise*  
*Who serve expectancy,*  
*The always never-yet.*

– o que sempre esteve pronto e que “nunca-ainda” chegou a se estabelecer: uma bela imagem para sintetizar a perspectiva imanente que o autor, sutil, mas claramente, escolhe para guiá-lo na imensa empreitada.

Em síntese, buscando manter-se “à margem da guerra de gangues que passa por crítica das novas obras nos jornais” (HAMBURGER, 2007, p.440), a insistência de

---

<sup>84</sup> HAMBURGER, M. **Wild and wounded**: short poems 2000-2003. London: Anvil, 2004.

Hamburger nos dilemas e tensões da poesia moderna permanece altamente fecunda, sobretudo aqui entre nós, onde a crítica tão facilmente trilha os caminhos da adulação e as análises, muitas vezes, reduzem-se à celebração laudatória de textos e autores. Nesses casos, as contradições de uma obra costumam interessar quando permitem elogiar (às vezes efusivamente) o poeta que se pretende analisar. Quando, ao contrário, apontam para dilemas e tensões que obrigam uma consideração cuidadosa, atenta e trabalhosa da própria realização estética, em outras palavras, quando apontam para fraturas que deveriam conduzir ao enfretamento dos limites da obra, as contradições são convenientemente “esquecidas” quando não sumariamente desconsideradas; afinal, a um olhar que busca aplaudir, os problemas costumam ficar convenientemente fora do campo de visão.

Considerar dilemas, fraturas e limites não implica em “apontar o dedo” nem revela alguma incapacidade de aceitar a realização alcançada ou de entender sua grandeza (como parecem pensar certos escritores brasileiros contemporâneos ávidos a se promover, desqualificando, por princípio, qualquer ponto de vista que não lhes seja abertamente favorável), mas apenas – como Hamburger demonstra – é um modo de colocar obras e ideias muito prontamente em debate, evitando o caminho fácil do afago entre pares ou da adesão ao que está estabelecido e convencionado. Afinal, não é na “dessacralização” do literário, bem como na troca e no enfrentamento de ideias que o conhecimento pode ser construído e desenvolvido e as “verdades”, quem sabe, vislumbradas?

#### REFERÊNCIAS

- HAMBURGER, M. **A verdade da poesia**: tensões na poesia modernista desde Baudelaire. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- HAMBURGER, M. **Wild and wounded**: short poems 2000-2003. London: Anvil, 2004.